

# Ouro e dólar devem abrir em alta

O mercado financeiro abrirá hoje em grande expectativa. A confirmação de que Luis Inácio Lula da Silva, candidato da Frente Brasil Popular, irá para o segundo turno, disputando a presidência com Fernando Collor de Mello, do PRN, poderá mexer com as cotações do ouro e do dólar no mercado paralelo e ainda com o comportamento das bolsas de valores. A expectativa dos especialistas é de que, ao menos num primeiro instante, os mercados de ouro e dólar disparem rapidamente, enquanto as bolsas poderão operar em queda. Depois a situação tenderá a se acalmar.

“O susto inicial é muito grande”, analisa Alberto Raduam, diretor da Apar Investimentos, especializada na administração de grandes fortunas. Com as manchetes dos jornais confirmando efetivamente o nome de Lula no segundo turno, os mercados de risco ficarão ainda mais voláteis do que na semana passada. Ele prevê, porém, que o Banco Central deverá tentar conter a alta do ouro vendendo parte de suas reservas. “Por volta de 11 horas ou meio dia poderá haver um desaquecimento das cotações depois que for feita uma análise mais cuidadosa do quadro sucessório”, espera Raduam.

Luiz Arthur Correia, diretor da AGX Investimentos, não espera uma freada tão rápida. “Apenas quando for feita uma análise mais cuidadosa, mostrando a vantagem que Collor seguramente tem na frente de Lula é que começará a reação. Poderá levar alguns dias, ou até uma semana”, calcula.

Ele adverte que o comportamento do mercado financeiro será essencial para definir os rumos do resto da economia nestes quase três meses de *buraco negro* até a posse do novo presidente em 15 de março. “Há risco da economia como um todo ser contaminada pela alta abrupta do ouro e do dólar, influenciando, por exemplo, os aluguéis, os preços dos imóveis e os preços de uma maneira geral”, explica. Esta contaminação poderia ser um passo decisivo rumo a hiperinflação. Por isto o que vai acontecer nas cotações do ouro e do dólar a partir da abertura dos mercados financeiros de hoje será decisivo na campanha. Se o movimento inicial de alta for mantido pela ação dos especuladores, isto poderá conturbar o processo político e econômico de uma forma que dificilmente beneficiará alguém.

Na opinião de Luiz Arthur, o ouro e

o *black* vão disparar logo no início do dia de hoje, enquanto as bolsas ficarão bem desanimadas. “O que é difícil de prever é quando o clima ficará mais tranquilo”, diz. Luiz Arthur Correia fez vários cálculos de probabilidades ontem e chegou a conclusão de que as chances de Collor são bem maiores do que as de Lula. “Nem todo o eleitorado de Mário Covas ou de Brizola irá apoiar Lula. É importante prestar atenção nisto”, diz, prevendo um prognóstico de 70% de possibilidade de vitória para Collor de Mello — a quem apoia — e apenas 30% para o candidato da Frente Brasil Popular.

Acertando ou não, ele imagina que qualquer que seja o eleito no segundo turno o novo presidente terá que fazer um ajuste nas tarifas públicas — *tarifaço* — e por isto arrisca recomendar uma estratégia de diversificação, deixando parte do patrimônio na bolsa de valores. “Empresas estatais, prestadoras de serviços, que estão com tarifas defasadas, podem ser boas recomendações, como Petrobrás e Telebrás”, sugere.

Carlos Antônio Magalhães, diretor

de investimentos do Banco Garavello, acredita que o mercado financeiro realmente terá um primeiro impacto negativo. “O nome de Brizola poderia ser mais bem recebido”, diz. Mas adverte que o ágio do dólar e os preços do ouro já são considerados, tecnicamente como caros. “Comprar agora é assumir um risco maior”, alerta.

Ele alerta ainda que os pequenos investidores devem tomar muito cuidado com os próximos dias, porque grandes especuladores aproveitarão — como já vinham fazendo há alguns meses — para lucrar ainda mais. Na sua opinião, o nome de Lula no segundo turno pode não ser tão assustador como imaginam alguns empresários e técnicos do mercado financeiro. “Dependerá muito das alianças que forem feitas. O Collor pode acabar não agradando pelas coligações que terá de fazer para garantir a vitória”, explica. Ele lembra que o ano de 1989 foi excelente para os empresários — o melhor da década de 80 — e não custará muito aceitar agora uma cota de sacrifício. “Com esta participação, a recessão, que é inevitável, pode passar menos dolorosamente para toda a sociedade”, diz.